

LÍNGUA GUAJAJARA EM CONTATO COM O PORTUGUÊS: UMA DESCRIÇÃO DOS EMPRÉSTIMOS FONÉTICO- FONOLÓGICOS

GUAJAJARA LANGUAGE IN CONTACT WITH THE PORTUGUESE: A
DESCRIPTION OF PHONETIC-PHONOLOGICAL LOANS

LENGUA GUAJAJARA CONTACTAR CON EL PORTUGUÉS: UNA
DESCRIPCIÓN DE PRÉSTAMOS FONÉTICO-FONOLÓGICO

*Tereza Maracaipe BARBOZA**

Resumo: o contato linguístico intenso entre o guajajara e o português tem desencadeado na tomada de empréstimos lexicais da língua de contato-português, apresentando casos de adaptação fonético-fonológicos à língua indígena e em outros sem adaptação alguma, ou seja, escrita e pronúncia permanecem tal como da língua portuguesa. Diante disso, nosso objetivo neste artigo é identificar e descrever quais tipos de adaptações fonético-fonológicas tem ocorrido nas palavras emprestadas do português, quais fonemas da língua guajajara têm sido adaptados nessas palavras e por quais falantes nativos tem sido mais recorrente esse tipo de empréstimo adaptado. Para esta pesquisa nos fundamentamos na Linguística de Contato, que tem como precursores principais Weinreich (1953), Carvalho (1989), Thomason (2001), entre outros. A metodologia adotada foi entrevistas, listas de palavras previamente elaboradas, gravações de eventos de fala, considerando métodos etnográficos e sociolinguísticos que possibilitaram caracterizar a lista de empréstimos do português.

Palavras-chave: Contato linguístico; Língua guajajara; Língua portuguesa; Empréstimos fonético-fonológicos; Adaptação.

Abstract: The intense language contact between the Guajajara and the Portuguese has triggered in making lexical loans of the Portuguese language, presenting cases of phonetic-phonological adaptation to the indigenous language and in others without any adaptation, in other words, writing and pronunciation remain as the Portuguese language. Therefore, our goal in this article is to identify and describe what kind of phonetic-phonological adaptation has occurred in the Portuguese loan words, which phonemes of the Guajajara language have been adapted these words and which native speakers have been most frequent this type of loan adapted. For this research we based ourselves in Contact Linguistics, whose main precursors Weinreich (1953), Carvalho (1989), Thomason (2001), among others. The methodology used was interviews, previously prepared word lists, speech recordings of events, considering ethnographic

* Mestre em Linguística pela Universidade do Estado de Mato Grosso-UNEMAT. Campus de Cáceres. Contato: terezamaracaipe@bol.com.br

and sociolinguistic methods that made it possible to characterize the list of Portuguese loans.

Keywords: Language Contact; Guajajara language; Portuguese language; Phonetic-phonological loans; Adaptation.

Resumen: intenso contacto de lenguas entre los guajajara y el portugués ha desencadenado en la toma de préstamos léxicos del lenguaje contacto portugués, presentando casos de adaptación fonética-fonológica de la lengua indígena y en otros sin ningún tipo de adaptación, es decir, la escritura y pronunciación quedará como la lengua portuguesa. Por lo tanto, nuestro objetivo en este artículo es identificar y describir qué tipo de adaptación fonética-fonológica se ha producido en las palabras de préstamo portuguesas, que los fonemas de la lengua guajajara han sido adaptadas estas palabras y que los nativos han sido más frecuente este tipo de préstamo adaptado. Para esta investigación nos basamos en contacto Lingüística, cuyo principal precursores Weinreich (1953), Carvalho (1989), Thomason (2001), entre otros. La metodología utilizada fue entrevistas, listas de palabras previamente preparados, grabaciones de voz de eventos, teniendo en cuenta los métodos etnográficos y sociolingüísticas que permitieron caracterizar la lista de préstamos portugueses.

Palabras clave: Lenguas de contacto; Lengua guajajara; Idioma portugués; Préstamos fonético-fonológico; Adaptación.

Introdução

O contato entre línguas existe desde o período da colonização, quando no Brasil diversas línguas circularam no mesmo espaço, dentre elas as línguas ameríndias, africanas e europeias. Neste artigo tomamos como objeto de estudo um dos fenômenos linguísticos decorrentes desse contato entre línguas - os empréstimos lexicais do português, que em nossos dados, se apresentam com adaptação fonético-fonológica à língua indígena guajajara. Segundo Rodrigues (1994), essa língua pertence ao Tronco Tupi, da família Tupi-Guarani e tem 8.269 falantes que levam o mesmo nome da língua, ou seja, povo Guajajara. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010), os Guajajara estão estimados em 24.428 pessoas habitando em onze terras indígenas, localizadas na região central do Maranhão, sobretudo nos municípios de Barra do Corda, Grajaú e Amarante.¹

¹ Nosso *locus* de pesquisa está delimitado às aldeias Taboca 1, Jacu, Jiruti e Colônia. As três primeiras pertencem à terra indígena Rodeador e a última à Canabrava-

Nas últimas décadas, o contato entre falantes do guajajara com a sociedade envolvente (não índios) tem-se intensificado por diferentes influências, tais como a localização de algumas aldeias próximas à cidade de Barra do Corda-MA, o que possibilita um deslocamento constante entre as aldeias e o centro urbano para resolver questões burocráticas relacionadas a serviços bancários, tratativas de documentação na Fundação Nacional do Índio (FUNAI), assistência à saúde e formação educacional. Todos esses fatores têm motivado os nativos a usarem o português como língua principal na cidade e seu uso tem adentrado também nas aldeias. Todos esses fatores extralinguísticos nós tomamos como hipótese para a influência dos empréstimos lexicais do português na língua dos indígenas Guajajara.

1 Aporte teórico

A área de estudos de contato de línguas envolve várias abordagens sobre os fenômenos linguísticos que ocorrem nas línguas em situação de contato. Weinreich (1953), um dos pioneiros no estudo do contato de línguas, percebeu dois fenômenos: o empréstimo e a interferência, que segundo ele são tipos diferentes. O empréstimo é um fenômeno coletivo recorrente em uma comunidade de fala. A interferência é vista como um fenômeno individual e depende do grau de interlíngua do aprendiz. Em outro ponto, Weinreich (1953) faz distinção entre interferência na fala e interferência na língua: na fala, a interferência é como a areia transportada por um riacho; na língua, é a areia sedimentada depositada no fundo de um lago. Nesse sentido, a interferência na língua se configura num processo permanente e fixo na língua de contato, enquanto a interferência na fala ocorre como resultado do conhecimento pessoal de outra língua pelo falante.

O conceito tradicional de interferência adotado primeiramente por Weinreich (1953) tem passado ultimamente por reformulação em outros estudiosos como Silva-Corvalán (1995, p. 5) que enumera alguns processos e fenômenos característicos de falantes bilíngues em situação de contato linguístico: “simplificação, generalização, transferência, *code-switching*, análises, e convergência gramatical,

Guajajara, todas localizadas no Município de Barra do Corda, região central do Maranhão, Brasil.

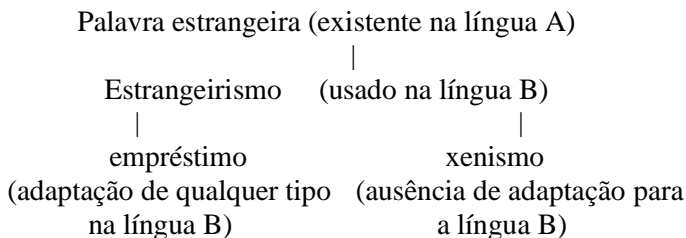
atestado através de diferentes situações do contato entre línguas”. A intensidade e duração do contato entre os dois idiomas propicia ainda mais a interferência na estrutura das duas línguas, levando em alguns casos a substituição de determinadas formas linguísticas de uma língua pela outra.

Gomes Molina (2000) observou o fenômeno empréstimo em diferentes modalidades, que se estabelece a partir de diferentes graus de integração linguística - fonológica e gramatical e de integração social. O esquema utilizado pelo autor para a análise descritiva responde ao *continuum*:

**interferência →→ empréstimo em vias de integração →→
empréstimo consolidado**

O empréstimo ocasional é classificado como integração linguística parcial ou total, mas é resultado de atos idioletais como interferência lexical. Por outro lado, empréstimo em vias de integração é aquele que apresenta integração linguística parcial ou nula e já conta com certo grau de integração social. Em contrapartida, o empréstimo consolidado ou estável é a unidade léxica cuja integração linguística é total - fonológica, morfológica e sintática - e mostra grau elevado de integração social.

Carvalho (1989, p. 43) propõe os limites entre estrangeirismos e empréstimos. Um termo estrangeiro que advém de uma língua e entra noutra tem uma determinada origem e ao se instalar na língua receptora passará por processos e fases, como ilustra o esquema utilizado pela autora.



De acordo com as quatro fases postas por Carvalho (1989), os limites entre estrangeirismos e empréstimos estão situados no nível

individual e social. Um termo estrangeiro se torna um estrangeirismo quando usado em outra língua (língua B) mais especificamente restrito à fala individual. O empréstimo por sua vez, se constitui como consolidado, introduzido na língua B, portanto, tem caráter social por fazer parte da língua de um povo que passa a usar o novo termo com frequência. O empréstimo adotado passa por fases de instalação e adaptação do termo tanto nos aspectos fonético/fonológicos ou de ordem escrita. Caso o novo termo permaneça escrito como na sua forma de origem, ele será tido como um termo estrangeiro no sistema linguístico da língua que o adotou (língua B), embora no nível da pronúncia se adapte à fonologia da língua. A permanência do padrão escrito original do termo estrangeiro na outra língua é denominada xenismo, isto é, o termo não sofre adaptação alguma mesmo sendo usado com frequência na língua importadora. Carvalho (1989) esclarece que “deve ficar bem clara a distinção entre empréstimo e estrangeirismo [...]. O empréstimo é o estrangeirismo adaptado de várias formas. O estrangeirismo pode ter as mais variadas origens [...]” (CARVALHO, 1989, p. 47).

Nessa perspectiva, entendemos que uma nova palavra ou conceito que entra em outra língua, só pode ser considerado empréstimo quando é adaptado à língua que o adota. Nesse sentido, nem todo estrangeirismo pode ser considerado um empréstimo, mas todo empréstimo advém de um estrangeirismo. Em guajajara pudemos observar adaptações de ordem fonético-fonológica e morfológica entre falantes da geração mais velha, sexo feminino.

Matras e Sakel (2007) observam que os empréstimos de fonemas são adotados para se ajustar à articulação da língua de contato. Quando um fonema de uma língua é incorporado em outra língua, cujo inventário fonológico é muito distante da língua que adota o empréstimo, entendemos que essa língua pode aos poucos ir se distanciando de sua estrutura fonológica, modificando consideravelmente o campo lexical.

Thomason (2001) esclarece que à medida que elementos da língua-fonte se incorporam na língua receptora, esta passa sofrer os efeitos em sua estrutura, tais como, a perda de recursos, adição de recursos, substituição de recursos. Sobre a perda de recursos, começa a ser perceptível na perda de alguns fonemas nativos, adição de novos fonemas mesmo no vocabulário nativo, recursos prosódicos como a

colocação de acento, perda ou adição de estrutura silábica restrita. Conforme veremos em nossos dados, na seção seguinte.

2 Descrição dos empréstimos fonético-fonológicos em Guajajara

Antes de descrevermos e analisarmos nossos dados, explicitaremos, primeiramente, como foram estratificados os colaboradores de nossa pesquisa. Tivemos a colaboração de seis indígenas Guajajara, todos falantes bilíngues e de ambos os sexos, conforme exposto na tabela abaixo. A razão de estratificá-los assim é em virtude de esclarecer quais gerações têm adotado mais os empréstimos adaptados e quais indígenas têm tomado os empréstimos de forma direta, ou seja, sem adaptação alguma.

Tabela 01 - Estratificação dos colaboradores da pesquisa.

Gerações	Idade	Uso das línguas
1ª geração	45-70	+ guajajara - português
2ª geração	20-35	+ português - guajajara
3ª geração	8-15	+ português - guajajara

Fonte: Pesquisa de campo (2013-2015).

Alguns empréstimos do português na língua guajajara mostram uma adaptação fonético-fonológica à língua indígena, os quais podem ser observados em processos como:

a) Simplificação da estrutura silábica do português (adaptado ao padrão silábico guajajara)

- (1) lápis: ['lapɪ]
- (2) papel: ['papɛ]
- (3) acúcar: ['sukə]
- (4) canoa: ['kanu]

Em ['lapɪ] ocorre a perda da consoante em coda silábica no final da palavra. O mesmo ocorre para a palavra papel, que perde a consoante final <l>, uma vez que, em guajajara, não há registro dessa consoante.

Referente à palavra ‘açúcar’ temos o enfraquecimento e o apagamento da vogal baixa oral [a] no início de palavra e também da vibrante [r] em final de palavra. Essas diferenças fonéticas mostram a adaptação dos empréstimos da língua portuguesa na língua guajajara.

Em ‘canoa’ a palavra emprestada do português foi adaptada ao padrão fonológico guajajara com a pronúncia do [u] alto muito comum em guajajara.

Nos dados de Silva (2010, p. 1111), ela também encontrou esse mesmo registro para ‘canoa’ (*kanu*). Segundo Silva, este empréstimo “substitui completamente a palavra *jar*, que é a palavra usada ainda hoje em tembé com cognatos em outras línguas da família”. Porém, os Guajajara das aldeias pesquisadas por Silva desconhecem essa palavra. Isso pode ser um indicativo de que o termo *kanu* foi adquirido pelos Guajajara em contato com a língua do não índio, tendo em vista que esta mostra forte relação com o sistema linguístico do português.

(5) *a-pirapoz apik tenə kanu ø-pupe*
1-pescar 1-sentar sentado canoa R¹-dentro.de
‘eu estou pescando sentado na canoa’
(SILVA, 2010, p. 1111)

b) Acomodação por recombinação do padrão silábico (com adição de sílabas do português)

(6) goiaba: [ʔg^waiabə] ~ [ʔgoiabɪ]

Se no exemplo para “canoa” em (4) o falante guajajara faz adaptação do termo ao padrão silábico guajajara, aqui acontece o contrário. A falante da 2ª geração, sexo feminino acrescenta o modelo de tipologia silábica do português no interior da palavra “goiaba”, que na língua indígena é registrado como *goiaw*. Ocorre ainda a adição da sílaba final do português “ba” que sofre flutuação de pronúncia: bə ~ bɪ.

c) Acomodação silábica com adição da vogal [i] do guajajara em ambientes nasais

(7) moto: [imɔ'təŋ]

Essa pronúncia foi registrada entre os falantes mais velhos do sexo feminino. O ajustamento fonológico com fonemas da língua indígena adaptou a palavra do português à língua guajajara.

d) Acomodação do padrão fonológico (por substituição de fonemas do português)

(8) arroz: [ɑ'ɾɔɪ]

(9) açúcar: [ɑ'su^k]

(10) macaxeira: [maka'sɛɾɑ] ~ [maka'ʃerə]

(11) camisa: [kɑ'mirə]

(12) moto: ['mɔtə]

(13) colher: ['kuzɛ]

(14) mesa: ['mezɪ]

(15) gelo: ['ʒelɪ]

(16) banheiro: [ba'neiri]

(17) cavalo: [kawa'ɾu] ~ [ka'varu]

Em [ɑ'ɾɔɪ] o fonema [z] em coda silábica no fim de palavra tem som de [ɪ] em posição final de palavra. A falante da 1ª geração, sexo feminino, também faz uso do fonema [ɾ] vibrante no lugar da fricativa glotal desvozeada [h] do português na pronúncia de “arroz”. Observa-se também o uso do fonema [ɔ] aberto, quando em português tem-se o som fechado [o]. Aqui a falante da geração mais velha usa a palavra na língua portuguesa, mas a forma de pronúncia é nativa.

Em ‘açúcar’ temos a troca da pronúncia final com o fonema [ɑ] por [k] com leve acréscimo de [i] que apresenta uma sítíl vocalização.

Para “macaxeira” [maka'sɛɾɑ] ~ [maka'ʃerə] a geração mais velha usa o [ɛ] aberto e a geração mais nova de ambos os sexos, já faz uso de uma pronúncia semelhante à da língua portuguesa, ou seja, som

fechado [e], além da pronúncia da fricativa alveolopalatal desvozeada [ʃ] ao invés de [s], fricativo alveolar desvozeado.

Em ‘camisa’, o que evidencia a adaptação à fonologia do guajajara é a substituição do fonema [z] por [r]. Essa constatação revela que como o fonema [z] em guajajara não tem o mesmo som correspondente em português (fricativa alveolar vozeada) quando ocupa posição inicial ou no meio de palavras, esse fonema em guajajara na palavra ‘camisa’ sofreu alteração se adaptando à fonologia guajajara ao usar um fonema correspondente na língua, [r]. Outro fator perceptível é que na pronúncia segue com o acréscimo do fonema [ə] ao final da palavra, vocalizando-a.

Para ‘moto’ temos uma substituição de fonemas também recorrente na variedade do português regional, que é a troca do fonema final [o] por [ə].

Em ‘colher’ temos um empréstimo adaptado à fonologia da língua, uma vez que ocorre o fone [ɛ] e a troca de [ʎ] pelo fonema correspondente em guajajara [z] recorrente na fala de todas as gerações.

Em ‘mesa’, há troca do fonema [ə] pelo fonema [ɪ], tendência em guajajara que registramos em outras palavras nessa seção.

Em ‘gelo’ há troca do fonema oral [u] pelo fonema [ɪ]. O mesmo ocorre em ‘banheiro’, o que se configura num processo fonético em que [u] transforma-se em [ɪ], anteriorizando-se. Em guajajara é muito recorrente a preferência pelo uso da vogal anterior [ɪ] no final de palavras que são do português e os índios estão adaptando-as com o uso da substituição de [ə] por [ɪ] e [u] por [ɪ]. Como foi detectado em gravações de narrativas, um colaborador mais velho, sexo masculino, usa para o verbo ‘continuar’ no presente, a seguinte adaptação ‘continue’ (ainda continui), para querer dizer na realidade “ainda continua”. Essa ocorrência também foi perceptível entre falantes mais velhos do sexo feminino.

Em ‘cavalo’ existe um empréstimo lexical com troca de fonema e a adaptação à fonologia guajajara tornou a palavra ‘cavalo’, na língua nativa, mais vocálica, pois nesta língua não há o fonema [v]. O que favoreceu o falante guajajara a trocá-lo pelo correspondente na língua, o glide [w], além da ocorrência da vogal alta posterior [u] ao

final da palavra. Também não há em guajajara a lateral [l], o qual é substituído em ‘cavalo’ por [r]. No entanto, se observa entre um colaborador da 2ª geração, sexo masculino, o uso da fricativa labiodental vozeada [v] do português, além do uso do fonema [u] posterior fechado, como em ‘cavaru’, que a geração mais velha usa como [u] alto central.

Nas palavras listadas acima temos um tipo de empréstimo classificado por Braggio (2010, p. 95) como “empréstimos que passam pelo filtro da língua”, onde se tem como base a língua guajajara que é ainda a porta de entrada para novas palavras da língua de contato (português). Essa lista de palavras emprestadas do português adaptadas à fonologia guajajara são reflexos dos fatores extralinguísticos que envolvem os falantes indígenas da Região de Barra do Corda-MA, tais como, a perda de algumas palavras nativas em virtude do contato com a sociedade envolvente que fala o português e tem influenciado os indígenas Guajajara a usarem, frequentemente, essa língua tanto na escola quanto nas relações dentro e fora da aldeia. Outro fator são conceitos novos vindos da língua de contato, que os indígenas acabam transferindo para o guajajara, sem criar, na maioria das vezes, um termo equivalente dentro da língua indígena. Na comunidade Guajajara, a maioria dos indígenas é bilíngue, por isso consideramos que eles podem estar inseridos num bilinguismo social, embora haja graus diferenciados de proficiência na língua de contato pelas mulheres da 1ª geração, em comparação ao português falado pelos homens.

e) Acomodação do padrão fonológico (por troca de fonemas do guajajara)

(18) aquele: [¹akɪ]

O pronome demonstrativo do português ‘aquele’ corresponde no guajajara ao termo ‘akwez’ [¹akweʒ]. Mas os falantes da 2ª geração, sexo masculino têm adotado fonemas da língua de contato ainda que seja com a redução de alguns fonemas que compõem essa palavra.

Os empréstimos do português adaptados à fonologia da língua guajajara tem evidenciado que a maioria dos falantes Guajajara, principalmente os mais novos, tem conhecimento ainda que não muito

sistemático, da estrutura padrão da língua de contato - o português. Isso ficou claro para nós diante da tentativa do falante em aproximar-se do padrão silábico português acrescentando sílabas à palavra [goiaw] (goiaba) que se transformou em [ˈg^waiabə] ~ [ˈgoidbɪ]. Enquanto outros falantes, da geração mais velha, acrescentam fonemas da própria língua em palavras oriundas do português, que não tem nenhum correspondente em guajajara, é o caso da palavra “moto”, que a falante adiciona o fonema [i] diante de ambiente nasal na sílaba inicial, ampliando o novo termo que veio da outra língua e assim modificando também sua pronúncia.

Thomason (2001) corrobora ao apontar que a perda de recursos fonético/fonológicos começa ser perceptível com a perda ou adição de novos fonemas no vocabulário da língua receptora, perda ou adição de estrutura silábica restrita.

Considerações finais

Observamos nessa pesquisa que os falantes das três gerações pesquisadas têm mesclado no guajajara traços linguísticos das duas línguas nos novos termos do português e até mesmo em palavras nativas. Essas estratégias mostram que o grau de contato linguístico entre o guajajara e o português está envolvendo os falantes usarem parte da estrutura padrão portuguesa no interior de palavras em guajajara, e em palavras vindas do português o acréscimo de fonemas nativos.

É possível ver, ainda, a perda de alguns fonemas do guajajara sendo substituídos por fonemas da língua de contato. No entanto, entre os mais velhos é realizado o acréscimo de fonemas da própria língua nativa em palavras oriundas do português que não têm nenhum correspondente na língua guajajara, fazendo com isso o ajustamento de fonemas da língua guajajara em palavras da língua de contato. Ao passo que entre as gerações mais novas os empréstimos ocorrem de forma direta, em sua maioria.

Apontamos aqui, de forma ainda preliminar, os efeitos indiretos do contato linguístico entre a língua guajajara e a língua portuguesa, que na nossa observação em campo nos mostrou que a influência do português na língua guajajara é causada entre tantos motivos pelas pressões internas dentro da língua, como é o caso

justificado entre alguns colaboradores da pesquisa, que afirmaram usar palavras do português na língua guajajara por não ter um correspondente na língua nativa quando se trata de novos itens da cultura não indígena que adentram no meio dos indígenas ou que passam a ter acesso quando estão na cidade; entre esses itens estão nomes de alguns alimentos (bolo, pão, massa, etc.), meios de transportes, meios de comunicação, etc. Mas apesar do intenso contato com a língua portuguesa e a sociedade envolvente, pudemos observar certo grau de resistência da língua guajajara entre os mais velhos do sexo feminino que usam com mais frequência a língua guajajara.

Referências

BRAGGIO, Silva Lucia Bigonjal. Reflexões sobre os empréstimos do tipo *loanblend* e direto na língua xerente akwén. **Rev. Est. Ling.**, Belo Horizonte, v. 18, n. 1, p. 87-100, jan./jun. 2010.

CARVALHO, Nelly. **Empréstimos linguísticos**. São Paulo. Editora Ática, 1989.

GÓMEZ MOLINA, José Ramón. Transferencia y Cambio de código en una comunidad bilíngüe área metropolitana de Valencia (I y II). **Contextos**, n.33-36, 309-360, 1999-2000.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA ESTATÍSTICA (IBGE). **O Brasil Indígena: Línguas**. Disponível em: <indigenas.ibge.gov.br/estudos-especiais-3/o-brasil-indigena/linguas>. Acesso em: 20 out. 2013.

MATRAS, Yaron. The borrowability of structural categories. In: MATRAS, Yaron; SAKEL, Jeanette. **Grammatical Borrowing in Cross – Linguistic Perspective**. New York: Mouton de Gruyter, 2007. p. 31-73.

RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. **Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas**. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

SAKEL, Jeanette. Types of loan: matter and pattern. In: MATRAS, Yaron; SAKEL, Jeanette. **Grammatical Borrowing in Cross – Linguistic Perspective**. New York: Mouton de Gruyter, 2007. p.15-29.

SILVA-CORVALÁN, Carmen. **Spanish in Four Continents**: studies in language contact and bilingualism. Washington: Georgetown University Press, 1995. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books>>. Acesso em: 1 mar. 2015.

SILVA, Tabita Fernandes. **História da língua tenetehára**: contribuição aos estudos histórico-comparativos sobre a diversificação da família tupi-guarani do tronco tupi. 2010. 1145 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Letras, Universidade de Brasília, Brasília, 2010. Disponível em: <repositorio.unb.br/bitstream/10482/..2010_TabitaFernandesdaSilva>. Acesso em: 23 abr. 2013.

THOMASON, Sarah G. **Language Contact**. Washington: Edinburgh University Press, 2001.

WEINREICH, Uriel. **Languages in contact**: Finding and problems. New York: Linguistic Circle of New York, 1953.

Recebido em: 16/07/15

Aceito em: 10/09/15

